

Estudantes de medicina e ação comunitária: estamos no caminho certo?

Medical students and community action: are we on the right path?

Estudiantes de medicina y acción comunitaria: ¿estamos en el camino correcto?

Luis Arthur Brasil Gadelha Farias^a

Prezado editor,

Parte do tripé universitário, junto aos pilares ensino-pesquisa, a extensão universitária assume papel fundamental na dinâmica universitária e na sociedade. No Brasil, o caminho percorrido para que a extensão se tornasse integrante da instituição universitária e de mesmo patamar curricular que o ensino-pesquisa foi longo e alvo de controvérsias.¹ Segundo o Plano Nacional de Extensão Universitária, conceitua-se a extensão como processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade.²

Não obstante, as diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em medicina pontuam que o profissional médico deve estar apto a desenvolver ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde, tanto em nível individual quanto coletivo.³ O objetivo da formação médica no Brasil e a extensão universitária têm muito em comum. A responsabilidade social é pautada tanto nas diretrizes universitárias como pelo Conselho Federal de Medicina, que a pontua tanto no Código de Ética do Estudante de Medicina como no Código de Ética Médica.^{4,5}

A pergunta que surge é: A extensão universitária como ferramenta de ação comunitária tem sido realizada de forma a cumprir com os objetivos que a regulamentam? A criação das Ligas acadêmicas no século XX trouxe esperança e questionamentos acerca da extensão universitária. Ligas acadêmicas são uniões de estudantes, sem fins lucrativos e que criam para seus membros oportunidades acadêmicas, didáticas, sociais e culturais dentro do tripé universitário.⁶

Fato é, entretanto, que a atuação das ligas acadêmicas, muitas vezes desprovidas da orientação necessária, culminou com a realização de atividades eminentemente

Fonte de financiamento:
declaram não haver.

Parecer CEP:
não se aplica.

Conflito de interesses:
declaram não haver.

Procedência e revisão por pares:
revisado por pares.

Recebido em: 14/10/2017.
Aprovado em: 18/10/2017.

Como citar: LABG Farias. Estudantes de medicina e ação comunitária: estamos no caminho certo? Rev Bras Med Fam Comunidade. 2017;12(39):1-2. [http://dx.doi.org/10.5712/rbmfc12\(39\)1640](http://dx.doi.org/10.5712/rbmfc12(39)1640)

com intuito curricular, priorizando apenas o ensino e a pesquisa. Hamamoto Filho et al. afirmam que algumas ligas, além de não realizar atividades de impacto social relevante, fomentam espaço de especialização precoce, distante, portanto, das diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em medicina.⁷

São ações comunitárias em shopping centers, praias, escolas particulares e que, apesar do cunho científico, levantam dúvidas acerca do impacto e da escolha da população alvo das ações. Há relatos de projetos de extensão que mais se assemelham a congregações científicas ou grupos de pesquisa do que mecanismo de integração entre estudantes de medicina, universidade e comunidade.

O papel transformador do estudante e da universidade, sobretudo na comunidade que a cerca, deve ser o palco ideal para a ação social efetiva. A realização da pesquisa acadêmico-científica pelos estudantes não é um ponto negativo. O Plano Nacional de Extensão Universitária preconiza a ação comunitária como via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da praxis de um conhecimento acadêmico.²

Por fim, suscito a enorme quantidade de projetos de extensão efetivos e de impacto sociais favoráveis existentes no país. É possível, sim, unir o fazer curricular com o impacto social. Todavia, é importante pensarmos o caminho que nossos estudantes de medicina seguem e repensarmos maneiras de integrar a demanda currículo-acadêmica com a realidade social do país. As ligas e projetos voltados à medicina de família e comunidade assumem papel fundamental nessa mudança. A escolha do público-alvo a partir das necessidades locais, assim como uma boa compreensão da atenção primária e seu funcionamento complexo, constitui parte integrante na busca pela ação comunitária de impacto social. Desse modo, é possível contribuir de forma efetiva para a comunidade por meio de qualquer especialidade médica.

Referências

1. Jezine E. As Práticas Curriculares e a Extensão Universitária. In: Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária; 2004 Set 12-15; Belo Horizonte, MG, Brasil [acesso 2017 Set 19]. Disponível em: <https://www.ufmg.br/congrent/Gestao/Gestao12.pdf>
2. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu/MEC. Plano Nacional de Extensão Universitária; 2001 [acesso 2017 Set 19]. Disponível em: https://www.unifal-mg.edu.br/extensao/files/file/colecao_extensao_univeristaria/colecao_extensao_universitaria_1_planonacional.pdf
3. Brasil. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina [acesso 2017 Set 20]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/Med.pdf>
4. Brasil. Conselho Federal de Medicina (CFM). Código de Ética Médica Resolução CFM nº 1.931/09. Brasília: CFM; 2010 [acesso 2017 Set 20]. Disponível em: <https://portal.cfm.org.br/images/stories/biblioteca/codigo%20de%20etica%20medica.pdf>
5. Distrito Federal. Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal (CRMDF). Código de Ética dos Estudantes de Medicina. Brasília: CRMDF; 2006 [acesso 2017 Set 20]. Disponível em: <http://www.portalmedico.org.br/arquivos/CodigodeEticaEstudantes.pdf>
6. Pêgo-Fernandes PM, Mariani AW. (2011) O ensino além da graduação: ligas acadêmicas. Diagn Tratamento. 2011;16(2):50-1 [acesso 2017 Set 20]. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/1413-9979/2011/v16n2/a2048.pdf>
7. Hamamoto Filho PT, Villas-Boas PJF, Corrêa FG, Muñoz GOC, Zaba M, Venditti VC, et al. Normatização da abertura das Ligas Acadêmicas: a experiência da Faculdade de Medicina de Botucatu. Rev Bras Educ Med. 2010;34(1):160-7. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022010000100019>

^a Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza, Ceará, Brasil. luisarthurbrasilk@hotmail.com (Autor correspondente)